THÁNATOS: A ARTE

Por

Luigi de Azevedo Lopes

**ATO I**

***Seattle, 1994***

***Segunda-feira***

***50 F°, Chovendo***

***Previsão de chuva para toda a semana.***

O riff de abertura da música "Rooster" de Alice in Chains crepita através de um rádio de carro encharcado de chuva. A linha de baixo ataca na mesma velocidade em que as gotas de chuva batem no capô do sedã que um jovem conduzia.

***"Ain't found a way to kill me yet...”***

A cidade é fria, sem emoções ou expressões alegres, apenas o som do gotejo das águas vindas da chuva entediante. Pessoas com rostos gastos, sem brilho, apenas caminhando para seus trabalhos, sem sorrisos. Apenas a vida pacata e monótona dos moradores da cidade de Seattle.

As ruas têm poças que refletem o quão aquela cidade tinha uma energia negativa que permeia a vida da população. Tudo isso era do cotidiano que fazia parte de todos, porém, ninguém ali sabia o porque as coisas eram assim, elas apenas eram.

**EDDIE WALKER**, 24 anos, detetive recém-ingressado, olhos sombreados pela falta de sono, agarra o volante com força, lábios agitados com a cantoria no seu carro. A brasa de sua energia queima forte enquanto o refrão toca:

***"Yeah, here come the rooster..."***

Eddie berra como se fosse uma pessoa desprovida de vergonha dentro daquele carro. Suas emoções atravessam sua traqueia e são transportadas para fora de sua boca com uma potência impressionante, até porque, ele nunca teve talento para cantoria.

Ali, dentro do carro, o rádio era seu refúgio. A solidão se dissolvia no volume alto, como se o som expulsasse os fantasmas do peito.

**9 minutos e 57 segundos depois…**

Eddie sente sua adrenalina começar a subir à medida que se aproximava do local. A confusão à frente era inevitável: ambulâncias, viaturas, policiais e uma multidão de curiosos já se reuniam. O cenário, como uma cena de teatro, estava armado — e ele se sente como o espectador que sabia que algo terrível acabou de acontecer no local.

Ele respira fundo, com o coração pulsando enlouquecidamente, Eddie fecha os olhos e tenta se tranquilizar. Após isso, Eddie pega os documentos e sai do carro. E, ao sair do carro, parece que um vento estonteante varre toda sua alegria que estava dentro daquele sedã com um pequeno rádio simples. Como se medo, angústia e agonia passassem pela mente do jovem rapaz.

Eddie pisa sobre a chuva fria. Cada passo pesa. Cada rosto ao redor parecia mais pálido. O cheiro de sangue e chuva misturam-se no ar, ácido e frio. A cada passo, sentia-se mais afundado num pesadelo. Ele olha ao redor, vendo o vai e vem de policiais em busca de pistas, o murmúrio das pessoas falando entre si. Cada rosto parece marcado pela dúvida, pelo medo do que estava acontecendo ali, mas apenas uma pessoa pode responder esse questionamento.

Eddie se aproxima mais da cena do crime, com as mãos no seu peito, como se tentasse se abraçar para se esquentar, o frio batendo em seu sobretudo, o clima de caos e as dúvidas, começam a afetar o humor de Eddie pouco a pouco, como se estivesse definhando sua energia. Uma ambulância saía enquanto ele se aproximava, mas ele não podia deixar de ver a expressão de uma paramédica, o olhar fixo e vazio, como se tivesse presenciado algo muito além do que a sua mente poderia processar.

E então, no meio de tudo isso, alguém passa ao seu lado. Um policial, visivelmente abalado, caminha apressado, mas com a cabeça baixa, as mãos tremendo. Seus passos estavam apressados, mas havia uma dor palpável em sua postura, como se carregasse um fardo imenso.

E naquele rápido e breve segundo, vendo aqueles olhos inchados e perdidos, Eddie sente um calafrio. Como se olhasse para o próprio futuro. E em meio a tudo isso que foi observado, Eddie tem uma certeza; Ele não queria estar ali.

O jovem respira fundo novamente, tentando entender o que acontecera ali. Ele quer perguntar, mas algo lhe dizia que não seria o momento certo. Algo estava profundamente errado. Ele segue em direção ao local, os olhos atentos a cada movimento, a cada indício de uma pista, mesmo sem saber exatamente o que procurar. O policial havia saído de cena, mas o que ele deixava para trás era mais que uma simples dor — parecia uma marca deixada para quem tivesse coragem de ver a verdade. Por algum motivo muito estranho, Eddie se identificou com o policial, porém ele não sabia explicar.

Eddie não tem certeza de tudo o que estava acontecendo ali, mas o que ele sente é algo pesado, algo sufocante. Ele sabe que não seria fácil, mas o que quer que estivesse por trás daquela tragédia, ele não poderia simplesmente ignorar. A verdade, mesmo dolorosa, tinha que ser trazida à luz.

Ele observa os policiais trabalhando, as luzes piscando ao redor, e a chuva que não dava sinal de parar. Ele está prestes a entrar naquele lugar, onde a vida e a morte se entrelaçam de uma maneira que ele ainda não entendia completamente.

Eddie decide tomar coragem e se aproxima da cena do crime e vê um corpo no chão, sendo levado para uma ambulância. Ao ver essa cena, Eddie tem vontade de vomitar, e ao mesmo tempo, sua ansiedade começa a aumentar rapidamente.

O corpo passa sendo carregado por alguns homens em direção à ambulância, coberto por uma lona preta, como uma censura ao absurdo que ocorreu no local. Ao seu lado, um policial que parece conhecer o homem morto, branda:

*-Vai com Deus, irmão!* - com um rosto de bravura, grato por ter vivido um pouco com aquele homem, porém ao mesmo tempo triste com a perda.

Eddie vendo essa cena, olha para uma poça de água no chão, olhando para seu próprio reflexo distorcido pelas gotas d' água caindo, com um rosto pensativo, refletindo sobre sua vida.

O jovem vira seu rosto e pergunta ao policial:

*-O que aconteceu por aqui?* - Eddie pergunta com sua voz sutilmente trêmula, pois não é muito bom com pessoas.

*-Não sabemos direito, a informação confirmada é que era do nosso grupo* - diz o policial, querendo informar o jovem.

Eddie tem uma expressão de surpresa. Ele foi um pouco tomado pelo medo, porque nem mesmo os policiais estão à salvo dessa. Da mesma forma, Eddie está com medo.

*-Vamos, temos trabalho aqui.* - diz um homem que chega no local em que Eddie e o policial estavam.

**TROCA DE PERSONAGEM**

CHRIS PARKER, 40 anos, detetive experiente, rosto marcado por rugas que pareciam ter sido esculpidas pelo próprio sofrimento. Seus olhos, fundos e opacos, carregavam o peso de uma grande perda para aquele homem — como se cada lágrima derramada fosse arrancando sua força restante para suportar esse sentimento.

Ele chega em casa tarde, como sempre. A porta range ao se abrir, mas Chris não diz uma palavra. Sua esposa, sentada no sofá com a televisão ligada sem som, lança-lhe um olhar breve, sem expectativas. Ele não responde, nem com os olhos. Passa direto por ela como um fantasma atravessando paredes, pesado demais para ser ignorado, mas invisível o bastante para não ser detido.

No banheiro, Chris acende a luz amarelada e se encara no espelho. A imagem que o encarava de volta parecia de outro homem — alguém definhando, alguém consumido. Ele tira a roupa devagar, como quem desfaz camadas de uma armadura inútil, que parecia ter **um** **buraco** no traje, e entrou no chuveiro sem pressa.

A água quente cai pesada sobre suas costas, mas não traz alívio. Chris sente o nó na garganta, e as lágrimas começam a descer, sem controle. Ele chora com a boca fechada, os ombros sacudindo em silêncio, como se quisesse esconder até mesmo da água que caía. E, no fundo da mente, uma sensação amarga **fica maior**.

Chris esfrega a pele com força, mas a sujeira real não era o que mais o incomodava. Era a outra — a que não saía com água quente nem com sabão. A cada gota que escorre, a memória da cena volta mais nítida, mais cruel. E **quanto mais** pensa sobre a situação, mais pesado seu peito fica, como se o vazio dentro dele se aumentasse a cada lembrança, empurrando contra as paredes do seu corpo até quase não sobrar ar.

Ele pega a toalha e começa a se secar, os movimentos lentos, quase automáticos. As gotas desciam de sua pele como pequenos vestígios do que já não pertencia mais a ele. E enquanto **se tira** a água do corpo, as palavras voltam, afiadas e cruéis, ecoando na cabeça como marteladas.  
 Sem muito o que fazer, Chris finalmente sai do seu banho e vai para sua cama, tentando se proteger do sentimento estonteante que aguça seu peito.

A cama está fria. O colchão afunda ligeiramente sob o peso de seu corpo, mas Chris não sente nenhuma diferença, nenhuma sensação de conforto. O quarto está imerso em silêncio, exceto pelo som suave da respiração ofegante que ele tenta controlar. Cada respiração parece forçada, como se ele estivesse exalando não apenas ar, mas todo o peso que havia acumulado ao longo dos anos.

Ele fecha os olhos, tentando se afastar da dor que o acompanha constantemente. Mas, como sempre, o sono não vem facilmente.

A mente de Chris vira um campo de batalha. O que ele quer é o alívio do descanso, mas o que seu corpo e sua alma estão preparados para enfrentar é o tormento de suas memórias. Ele não pode escapar delas, não pode fugir do que havia feito, do que havia sido — não sem enfrentar a verdade.

Ele se vira de lado, tentando se ajustar à posição, fecha os olhos, e as lembranças surgem como uma onda furiosa, puxando-o para as profundezas.

E, então, ele está lá. Não na cama, mas em outro lugar, em outra época. Um lugar onde o passado nunca morre.

**TROCA DE LINHA DO TEMPO**

Escuridão.

O silêncio da noite é quebrado apenas pelo som abafado de uma risada — uma risada jovem, sincera, quase esquecida no tempo. E então, como se a mente de Chris rasgasse o presente e voltasse para onde tudo era mais leve, ele está lá. Não mais em sua cama fria, mas em um banco de madeira, num fim de tarde dourado de verão.

**Seattle, 1978.**

**Parque Gas Works.**

Chris tem 22 anos. O cabelo castanho ainda espesso, os olhos vivos, o cigarro torto no canto da boca. Ao seu lado, rindo de algo estúpido que ele acabou de dizer, está Layne, 23 anos — mais alto, mais expressivo, sempre com alguma frase sarcástica na ponta da língua e uma mania irritante de cantar mal músicas que amava.

Eles dividem uma cerveja morna, roubada do frigobar do chefe da delegacia onde trabalhavam como cadetes. Ainda não eram detetives. Ainda não carregavam os pesos que viriam.

Ali, eram apenas dois jovens tentando entender o mundo, fazendo piada da própria miséria.

— Se a gente morrer antes dos quarenta… — começa Layne, cuspindo farelos de pão. — Espero que seja numa explosão.

Chris nem mexe o pescoço. Só vira os olhos devagar.

— Uma explosão? — pergunta.

— É. *BUM*. Nada de velório, nada de caixão. Só uma cratera no chão e a polícia tentando montar nossos pedaços como se fosse um quebra-cabeça com peças faltando. Algo... cinematográfico.

— Cinematográfico? Eu quero mesmo é morrer de ataque cardíaco durante o sexo — responde Chris, seco, sem pensar.

Layne gargalha alto, batendo a mão na perna.

— Classudo e romântico. Isso é que é morrer por amor — os dois caem na risada, jogando migalhas de pão para os patos que passavam por perto.   
 — Literalmente — acrescenta Chris, agora com um sorrisinho de canto.

— Mas pensa comigo... quem é que vai contar essa história depois? Tipo... quem vai estar lá pra ver a explosão e dizer: “esses caras foram embora como estrelas cadentes”? Porque, se ninguém ver, foda-se, é só mais uma tragédia. Agora, se tiver plateia... aí vira lenda.

Chris joga uma migalha de pão pro pato mais próximo, que ignora completamente.

— A gente precisa de plateia pra tudo agora?

— Claro que sim! — Layne abre os braços, teatral. — Você acha que a gente vive por nós mesmos? Que nada, a gente vive pra virar história de bar, meu chapa. Se ninguém contar, nunca aconteceu.

Chris olha pra ele como se quisesse responder com um soco leve no braço, mas só balança a cabeça.

— Você devia escrever essas merdas — diz Chris.

— Já tentei. Tudo acaba virando roteiro de filme ruim. Sempre tem um policial traumatizado e um vilão filosófico demais.

— A vida real é bem isso aí.

Layne ri de novo, mas dessa vez é um riso mais calmo. Ele observa um pato coxeando para longe, com uma asa meio torta.

— Sabe o que me deixa puto?

— Vai falar que é o sistema?

— Não. É que, no fundo, a gente sabe que vai morrer de um jeito idiota. Tipo escorregando no banheiro. Ou tomando um tiro por engano numa batida de carro que nem era nossa.

Chris pensa por um segundo. Olha o horizonte, as nuvens ficando pesadas.

— Bom... se for pra morrer de um jeito idiota, que pelo menos seja tentando fazer algo importante.

— Tipo?

— Tipo... impedir um crime. Salvar uma criança. Ou derrubar um maluco de cima de um prédio.

Layne sorri, pega um cigarro do bolso, acende.

— Ou derrubar a porra de um sistema podre de dentro.

— Aí você voltou pro roteiro ruim — diz Chris.

— Foda-se. É o melhor roteiro que eu tenho.

Os dois ficam em silêncio por um tempo, só ouvindo os sons da cidade ficando mais escuros, mais frios. Layne dá uma tragada longa, solta a fumaça com gosto.  
  
 — Ei, se eu morrer primeiro, você me promete que não vai deixar meu túmulo parecer com o de um fracassado?

— Prometo. Vou enterrar você com um charuto cubano na mão e escrever na lápide: *"Layne. Filho da puta, mas dos bons."*

Layne sorri, satisfeito.

— E assim, eu descanso em paz.

Chris cruza os braços.

— E você? Vai fazer o que se eu for primeiro?

Layne olha pro horizonte.

— Vou escrever um livro. Chamado "Meu melhor amigo era um pé no saco."

Eles riem. Riem alto, solto, do jeito que só se ri quando a vida ainda não doeu o bastante. Quando o futuro é só uma ideia vaga, e a morte parece um conceito distante, engraçado até.

E naquele instante, entre um pato desinteressado, um pôr do sol gasto e o cheiro de cigarro barato, Chris sente — mesmo que só por um segundo — que Layne seria eterno.

Layne era o tipo de amigo que invadia a sua casa sem bater, colocava uma cerveja na sua mão antes de você pedir, e fazia você rir mesmo nos piores momentos.

Ele tinha um jeito desajeitado de demonstrar carinho, mas estava sempre lá — seja para ajudar a esconder uma burrada ou para ficar em silêncio ao seu lado quando palavras não bastavam.

Em uma noite qualquer daquele mesmo verão, eles sentaram na beira de uma ponte sobre o Lago Union. Estavam cansados do plantão, sujos, famintos, mas com uma garrafa de bourbon barato nas mãos.

— Você acha que a gente vai durar aqui? — pergunta Chris.

— Em Seattle? Ou na polícia?

— Nos dois.

Layne pensa por um momento e dá um gole longo.

— Eu acho que a gente vai durar um no outro.

Silêncio. Só o som da água batendo nas estruturas de metal. Aquilo ficou marcado.

Porque ele estava certo.

— Ei, seu desgraçado! Vamos no Valvet’s Bar.

Layne abre um sorriso no canto de sua face.

— Fechô, seu maldito.

**22h (10 da noite)**

Um bar velho, sujo o suficiente para ter charme. Luzes avermelhadas, uma jukebox toca *The Doors* baixo demais pra incomodar. Layne e Chris estão na mesma mesa há mais de duas horas. Cervejas vazias se acumulam como provas de um crime. Chris está jogando casca de amendoim num copo, errando todas.

Layne olha pro balcão e assobia.

— Ei, Red! Mais duas!

A garçonete, ruiva, sem paciência e com uma tatuagem de morcego no pescoço, apenas levanta o dedo do meio. Eles riem.

— Você vai casar com essa mulher ainda — diz Chris.

— Casar, não. Talvez ser assassinado por ela. Mas com estilo — Layne sorri. — Imagina só: “Homem morre esfaqueado com o próprio canivete. Suspeita usava coturno e batom vinho escuro.”

Chris olha de canto, dando um gole na cerveja.

— E aí ela escreve um livro depois. “Como matei o idiota que amei”.

— *Best-seller*. Vai passar o seu livro sobre mim rapidinho.

— Duvido. O título do meu vai ser “Manual de Sobrevivência a um Amigo Disfuncional”. Vai ter até ilustração.

Layne faz um brinde imaginário.

— Ao disfuncionalismo.

— Ao caos funcional — responde Chris, brindando de volta.

Na saída do bar, Chris encosta na parede de tijolos úmidos. Ele tira um maço amassado de cigarros do bolso do casaco.

Layne cambaleando de leve, aponta pro maço com a confiança de quem acha que é sóbrio.

— Me dá um - diz Layne.

— É o último.

— Então me dá metade.

— Como assim metade? - Chris levanta o tom de voz.

— Acende, dá duas tragadas e depois me passa. Amizade é isso, porra.

— Amizade é dividir comida. Cigarro é... cigarro é ritual.

— Então faz o ritual logo, padre.

Chris revira os olhos, coloca o cigarro na boca, acende com o isqueiro de metal que já viu dias melhores — CLIC — mas nada acontece. De novo. CLIC. Nada.

Ele balança o isqueiro como quem ameaça a alma dele. Finalmente, CLIC — uma labareda minúscula acende o cigarro.

Ele acende o cigarro, traga, e quando vai passar pro Layne... o cigarro descola do filtro e cai na calçada molhada. *PSSSSCHHHH*.

Silêncio.

Layne olha pro chão como quem perdeu um cachorro.

— Caralho, mano... ele morreu tão jovem. - diz Layne com uma tristeza engraçada.

— Enterra, vai que volta! - retruca Chris em tom irônico.

Layne levanta os braços pro céu.

— DEUS, É ISSO QUE VOCÊ CHAMA DE IRONIA?

Chris tira outro cigarro do bolso — *o penúltimo* — e entrega pro Layne.

Layne acende com a labareda que agora funciona de primeira, dá uma tragada longa, fecha os olhos e solta a fumaça como se tivesse recebido o perdão de todos os pecados do mundo.

— Sabe, às vezes eu penso... — Layne diz, com a voz mais baixa agora. — ...se a gente não tá só ocupando espaço. Tipo... figurantes na nossa própria história.

Chris senta devagar na calçada.

— Tem dia que eu sinto que tô andando de costas. Tipo... eu tô indo, mas não sei de onde vim nem pra onde tô indo. Só sei que não quero cair.

Layne para. Olha pro amigo.

— Você já caiu?

— Já. — Chris traga fundo.

— E você tava lá pra me levantar.

— Então se eu cair, você levanta?

— Só se você não tiver muito pesado.

Layne ri. Mas o sorriso morre mais rápido que antes.

— Cara... eu tenho sonhado com minha própria morte.

Chris vira de lado. Fita ele por um tempo.

— Tipo... como?

— Vários jeitos. Às vezes num beco. Às vezes em casa, sozinho, sangrando devagar. Mas em todos, eu tô com medo.

— Todo mundo tem medo.

— Não você.

Chris pausa. Joga o cigarro fora.

— Eu só disfarço melhor.

Silêncio. Só o som da cidade. A noite avança como um predador.

— Eu não quero morrer anônimo, Chris — diz Layne, com um tom que não era brincadeira. — Nem esquecido. Nem como estatística. Quero deixar alguma porra de marca. Nem que seja uma mancha.

Chris encara ele por um segundo. Depois diz:

— Então deixa comigo. Se você morrer primeiro, eu pinto seu nome na parede de cada maldito beco dessa cidade.

Layne sorri, dessa vez com algo entre orgulho e tristeza.

— E se for o contrário?

— Aí você faz o mesmo. E escreve: “Aqui morreu o último bom filho da puta”.

Eles se encaram. Um aperto de mão, rápido, mas cheio de verdade. A amizade dos dois é como aço enferrujado: imperfeita, mas inquebrável.

**3 dias depois**

O apartamento é pequeno, mas arrumado. Discos espalhados, livros empilhados, uma guitarra encostada num canto. Layne prepara dois cafés. Chris está no sofá folheando um caderno velho cheio de anotações do amigo.

— “Teoria do caos emocional”... que porra é isso aqui?

— Ah, isso? Minha tentativa de transformar minha instabilidade em ciência.

— Cara, você devia cobrar por essas frases.

— Já cobro. Chama terapia.

Chris ri.

— Então me passa o contato. Tô precisando.

Layne entrega uma caneca de café, e os dois ficam olhando pela janela. Lá fora, Seattle vai ficando mais cinza conforme o dia morre.

— Você já sentiu que a cidade quer te engolir? — pergunta Layne.

— Todo dia. Mas aí eu lembro: eu sou o osso atravessado na garganta dela.

Eles brindam com as canecas.

— A nós — diz Layne.

— Aos malditos — responde Chris.

A imagem de Layne no sonho de Chris se manifesta. O som distante da chuva no lado de fora vai ganhando forma, misturando-se ao murmúrio da cidade que desperta.

Do outro lado da cidade, Eddie ajusta a lanterna no bolso do casaco, o olhar atento à cena diante dele. A chuva fina molha seu capuz, o ar frio da manhã carregando o peso da noite que acabou de passar.

A sirene distante se mistura ao som da chuva, enquanto Eddie respira fundo, pronto para começar os trabalhos.

**ATO II**

O beco era estreito, como se Seattle tivesse esquecido de dar espaço entre os prédios. Um buraco entre concreto, musgo e silêncio. Quieto demais para um lugar que acabou de engolir alguém.

Oficiais colocam a fita de isolamento — aquelas faixas amarelas e pretensiosas que tentam, em vão, censurar o que aconteceu ali. Como se esconder o horror bastasse para fazê-lo desaparecer.

O local parece um palco mal montado: a luz tremeluzente de um poste, um carro com a porta aberta, um tênis perdido no meio-fio. E sangue. Escorrido, coagulado, como tinta seca num quadro esquecido.

Eddie observa tudo em silêncio. Ele veste um sobretudo cinza herdado do pai. Os sapatos estão sujos de chuva, mas ele parece alheio a isso.

Do porta-malas do carro da polícia, ele retira um bloco de anotações, luvas, uma lanterna pequena e uma câmera descartável. Nada sofisticado. Ferramentas de um homem tentando entender o inexplicável.

Enquanto calça as luvas, uma voz irônica surge por trás. Oficial Martin, um homem aparentando mais de 50 anos, olhos fundos e barba mal feita, segura um copo de café como quem segura o último traço de humanidade.

— Você é o novato do Parker, né?

— Depende. Isso é bom ou ruim? — Eddie responde.

Martin dá um meio sorriso. Um gole no café.

— Se você tá perguntando, é porque ainda tem esperança. Vai passar.

Eddie não responde. Fecha a lanterna, liga. A luz rasga a parede molhada do beco.

— O que a gente tem?

Martin dá de ombros, como se aquilo fosse só mais uma terça-feira.

— Um corpo. Um tiro. Um beco. Ninguém viu nada. Ninguém ouviu nada. Milagre moderno.

— Não tem câmera por perto?

— Aqui? — Martin ri sem humor. — Esse lugar mal tem lâmpada. O beco é cego. Igual todo mundo nessa cidade.

Eddie se agacha perto da poça escura que já foi sangue.

— Foi uma execução.

— Por que diz isso? — pergunta Martin com curiosidade sincera.

— Pela precisão. Um tiro só. Nenhuma luta. Nenhuma hesitação.

Martin o observa. Coça a barba.

— Ou foi alguém que ele conhecia.

— Acha que foi pessoal?

— Não sei. Acho que tudo é pessoal. A diferença é que às vezes a gente finge que não é.

Eddie acende a lanterna de novo. Passa pelo contorno do carro. Vê algo na parede — uma marca, talvez de mão, talvez só sujeira.

Martin ergue a sobrancelha.

— Você tem talento pra esse tipo de coisa, sabia?

— Que tipo de coisa?

— Ver o pior das pessoas e transformar em teoria.

— Não é teoria. É tentativa.

Martin dá outro gole, já morno.

— Bom. Tenta rápido. Daqui a pouco vem o legista, a imprensa e os parasitas. — Martin vira de costas. — Depois disso, tudo vira ruído.

Eddie não entende muito bem essa interação com Martin. Pareceu provocação. Ou talvez fosse só o jeito dele.

— Quantos desses você já viu?

Martin pensa. Demora a responder.

— Muitos. Mas nenhum que me deixasse com essa sensação.

— Qual? — Eddie pergunta, como se tivesse uma pulga atrás da orelha.

Martin olha em volta. Se aproxima, inclina o tronco em direção a Eddie e sussurra:

— De que isso é só o começo.

Silêncio. Só o som da fita balançando no vento, como se também quisesse sair dali.

Martin se afasta e vai até uma rodinha de oficiais, aparentemente discutindo o caso.

Eddie observa devagar. O frio se prende aos ossos, e por um momento, ele sente o silêncio pesar mais que o sangue no chão. A fita amarela continua dançando no vento, zombando do caso. Da vida.

Ele caminha até a parede onde notou a marca. Aproxima a lanterna. A luz revela uma mancha escura — algo entre ferrugem e sujeira, ou talvez o rastro de uma mão tentando se apoiar antes de cair. Ele tira uma foto. A câmera descartável faz o click seco de uma tecnologia ultrapassada tentando capturar a morte.

Mais adiante, perto da traseira do carro com a porta aberta, algo reluz. Uma cápsula de munição. Eddie se agacha de novo, calmo, metódico. Usa a ponta da caneta para virá-la. Sem digitais visíveis, mas há uma gravação minúscula na lateral: um símbolo. Ele o reconhece vagamente, mas não consegue identificar. Ainda.

Ele fotografa. Anota no bloco:

*“Cápsula de munição. Símbolo não identificado. Aparentemente, é personalizada. Pode ter sido feita à mão, ou, pode ser só da fabricação.”*

Levanta o olhar e varre o perímetro com a lanterna. Nada parece fora do lugar — e esse é o problema. Um crime assim deveria deixar um rastro, um grito. Mas ali tudo parece... limpo demais.

Ao fundo, dois oficiais conversam baixinho, como se tivessem medo de incomodar os mortos.

Eddie sente o cansaço bater. O cheiro de ferrugem no ar, o cansaço no corpo. E o desejo por um café.

Ele deixa seus materiais sobre uma lixeira onde não pegaria chuva e caminha até os dois oficiais.

— Com licença, senhores, eu posso saber onde arranjo um café? — pergunta, sem querer atrapalhar.

— Você é o novato? — diz um dos oficiais, braços cruzados, postura ereta.

— Sim, Eddie Walker, investigador novo no plantão.

— Novato, se quiser café, vá até o outro lado do perímetro — responde o oficial, apontando.

— Obrigado! — diz Eddie, surpreso pela cordialidade.

Ele caminha no mesmo ritmo em que a chuva cai nas poças d’água das ruas frias de Seattle. Cabeça baixa. Passo após passo. Mas algo o faz levantar o olhar ao se aproximar do final do beco.

Um borrão na visão. Um detalhe no muro. Ele vira a cabeça, atento.

Perto da extremidade do beco, encontra outra cápsula de munição. Diferente da anterior. Algo no formato. No peso. No silêncio em volta.

Ele se agacha, analisa. Café esquecido.

Volta rapidamente onde deixou os materiais. Pega o caderno, a lanterna, a câmera. Fotografa. Anota.

A cápsula parece de outra arma. Sem marcas, sem sangue. Apenas o metal frio e uma ausência inquietante.

Eddie fecha os olhos por um segundo. Respira fundo. O cheiro de ferro ainda ali, como se grudado na pele.

Passos atrás dele. Martin.

— Achou alguma coisa? — pergunta com aquela voz que já parece saber a resposta, mas pergunta mesmo assim.

Eddie se levanta devagar. Mostra o que coletou.

Martin encara a cápsula por um instante. O meio sorriso sumiu.

Eddie entrega a cápsula a Martin. O oficial gira o projétil entre os dedos como se já tivesse feito isso mil vezes antes.

— Diferente da primeira, hein? — comenta Martin, devolvendo. — Dois calibres diferentes. Dois atiradores, talvez?

Eddie hesita. Olha de novo para o beco, depois para o céu. Chuva fina, o tipo que não limpa nada, só espalha a sujeira.

— Ou alguém quis que parecesse isso.

Martin ergue uma sobrancelha. Pela primeira vez, parece surpreso.

— Teoria ousada pra quem ainda nem pegou o café.

Eddie ignora. Aponta com a lanterna para um ponto mais ao fundo, onde o beco se afunila. Há algo no chão. Um pequeno objeto metálico, sujo de barro.

Ele se aproxima com cuidado. Se ajoelha. Uma corrente — de metal prateado, fina, quebrada. Um pingente pendurado ainda segura um fragmento de vidro rachado. Não parece ter valor, mas há algo nela... um detalhe gravado no verso, quase apagado: as letras “L.W.”

Eddie fotografa, anota. Escreve no bloco:

*“Corrente de pescoço. Pingente com iniciais "L.W."  
Vidro rachado. Possível objeto de valor emocional.”*  
 Indício de que a vítima ajoelhou — ou foi forçada a ajoelhar.

Martin se aproxima devagar, observa o colar por cima do ombro de Eddie.

— Tem gente que carrega a própria lápide no peito e nem sabe.

Eddie se cala. O silêncio do beco começa a incomodá-lo, como se houvesse algo assistindo tudo, escondido entre as sombras e os tijolos molhados.

Ele dá mais alguns passos. A luz da lanterna encontra uma marca de joelho na lama — discreta, quase apagada pela água da chuva. Mas está ali. E ao lado, a marca de um sapato... diferente do primeiro padrão de sola.

Dois pares. Um estático, firme. O outro... ajoelhado.

Eddie registra. O sangue, a cápsula, o colar. É um ritual. Frio. Intencional. Não foi um crime impulsivo. Foi uma execução. Quase... íntima.

Ele fotografa as marcas, e ao se levantar, algo o faz parar. Uma sensação — estranha, incômoda, como se já tivesse estado ali antes. Ou talvez, como se a cena ecoasse algo que ele nunca viveu, mas já sonhou.

Martin percebe a mudança no rosto do novato.

— O que foi?

Eddie demora a responder.

— Eu não sei. Mas esse beco… tem algo errado com ele. Como se a gente estivesse atrasado. Como se o verdadeiro crime tivesse acontecido antes da gente chegar.

Martin o encara por um momento mais longo do que o necessário. Depois, apenas dá meia-volta.

— Novato… se for seguir esse instinto, guarda bem isso aí. Uma hora ou outra, vai ser a única coisa te guiando.

Eddie volta o olhar para o colar. As iniciais gravadas. A cápsula. As marcas. O vazio. Tudo parece contar uma história que ninguém quer ouvir. Ainda.

— Todos morrem em silêncio. A gritaria é nossa. Aprende enquanto você ainda é novo. - exclama Martin, como se fosse o melhor conselheiro que passara na vida de Eddie.

***Horas depois, encerrando os trabalhos.***

A perícia recolheu os últimos vestígios. A fita amarela balança preguiçosa no vento. O sangue seco já não escandaliza ninguém.

Eddie guarda sua câmera descartável no bolso do sobretudo. O frio lhe sobe pelas costas como um aviso. Observa o beco por mais alguns segundos. Quase como se se desculpasse com ele. Como se dissesse: Desculpe não entender nada ainda.

Martin aparece ao longe, encostado no carro, já com outro café na mão. Levanta a cabeça e grita:

— Vai dormir, novato. A merda ainda vai estar aqui amanhã. E, se não estiver... é porque espalharam.

Eddie força um sorriso fraco, acena com a cabeça. Volta ao carro. Gira a chave. O motor tosse. Liga. A chuva engrossa de leve, como se a cidade estivesse fechando os olhos. E a noite cai.

Do porta-luvas, ele puxa um velho DVD pirata que guarda com certo carinho. “Soundgarden — Superunknown.” Insere o disco no leitor adaptado ao rádio. Um chiado breve. Aperta “play”. A tela azul pisca.

E então o riff inicial de *“4th of July”* rasga o silêncio.

Pesado. Grave. Denso.

Como se cada corda estivesse mergulhada em piche. É um som que não só se ouve — ele pesa no ar. Um som arrastado, quase ritualístico. Como o ronco de uma máquina antiga que se recusa a morrer.

A cidade do lado de fora parece reagir. O som atravessa o para-brisa, ecoa entre os prédios, escorre pela sarjeta. O motor do carro ronrona como se estivesse entorpecido.

E então, a voz arrastada de Chris Cornell começa a preencher o carro.

***“Shower in the dark day, clean sparks diving down”***

As ruas escuras de Seattle se banham e se limpam de sua sujeira moral. O calor que nunca esquenta, o frio que congela.

***“Cool in the waterway where the baptized drown”***

Eddie dirige devagar. Cada esquina parece contar a mesma história: portas fechadas, postes falhando, vozes abafadas em apartamentos de janelas opacas. A cidade dorme com um olho aberto — e esse olho está cansado.

***“Naked in the cold sun, breathing life like fire”***

***“I thought I was the only one, but that was just a lie”***

O som se mistura ao zumbido da cidade. A música fala de contradições: batismo e afogamento, calor e frio, mentira e solidão. Eddie ouve tudo isso sem pensar — ou talvez pensando demais. A cidade parece ressoar a mesma letra, verso por verso.

***“'Cause I heard it in the wind”***

A chuva escorre pelo vidro como se tivesse pressa. O som grave continua a preencher o carro, enquanto Eddie passa por uma rua deserta.

***“And I saw it in the sky”***

Uma bicicleta caída, abandonada na calçada. Um gato fugindo para dentro de um bueiro. Um casal discutindo sob um guarda-chuva furado. Pequenos detalhes que ninguém veria — mas que Eddie absorve como quem coleciona fragmentos do que resta.

O mundo parece lento. A música, mais lenta ainda.

Ele encosta na porta do prédio onde mora. Desliga o motor. A guitarra morre junto. Por um segundo, tudo é silêncio. Mas um silêncio que pulsa.

***“And I thought it was the end”***

Eddie permanece sentado por alguns instantes, com os olhos fixos no para-brisa. Lá fora, a cidade respira como se tivesse sonhado algo ruim. Lá dentro, ele sente que algo o espera — talvez uma verdade, talvez só o vazio.

Ele fecha os olhos. E Seattle continua a chover.

***“I thought it was the 4th of July”***

E então, após o pior dia da vida de alguns e o melhor dia da vida de outros, a noite de segunda-feira em Seattle morre, finalmente.